

JEAN-JACQUES ROUSSEAU E O “EU HUMANO”: A CONSCIÊNCIA COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DA MORALIDADE

Whesley Fagliari dos Santos¹

RESUMO: O tema desta pesquisa é a fundamentação da moralidade e, conseqüentemente, das ações políticas em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). O problema ao qual se busca dar uma solução com este estudo é como o “eu humano”, a consciência do indivíduo é estruturada e supera as contradições e os desafios morais para a concretização de uma sociedade cuja composição do corpo social não venha a se corromper. O objetivo geral é investigar se há, de fato, uma teoria da consciência escrita por Rousseau e elucidar como a consciência, muito mais do que a razão, fundamenta a moralidade e resolve o problema da corrupção do homem no estado civil. A principal obra de Rousseau a ser estudada é *Emílio ou da educação* (1757). Os objetivos específicos aqui propostos são: 1º) Estudar a consciência como fundamento das ações políticas do sujeito. 2º) Explorar como a consciência se relaciona com a razão e como as duas estão atreladas ao sistema de educação rousseauista. 3º) Examinar a pedagogia positiva, fase do processo de educação proposto por Rousseau. 4º) Entender como o “eu humano” percebe e se relaciona com o “eu do outro” e a relação disso com a capacidade do sujeito de ir e vir, do interior e do exterior de si. O tema aqui pesquisado se justifica da seguinte maneira: no âmbito acadêmico e científico a presente pesquisa é de fundamental importância porque pode contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre Rousseau, um dos filósofos clássicos que mais influenciou tanto a educação quanto a política moderna. A metodologia a ser utilizada é eminentemente bibliográfica, partindo-se, principalmente, das obras de Rousseau. A hipótese ou resultado esperado é a seguinte: a confirmação da consciência, antes mesmo do que a razão, como fundamento da moralidade no pensamento, na obra de Jean-Jacques Rousseau. Como consequência disso, a constatação de que a educação proposta pelo genebrino, iniciada pela fase negativa e avançando pela fase positiva, estabelece uma via real para solucionar a corrupção moral da sociedade porque exercita as ações com base na consciência.

Palavras-chave: Consciência. Moralidade. Corrupção. Educação. Política

INTRODUÇÃO

No prefácio do *Segundo Discurso* (2005b, p. 43), Rousseau recorre à estátua

¹ Doutorando em Filosofia. UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus de Toledo. E-mail: whesleyfagliari@gmail.com

de Glauco, o Marinheiro² para exemplificar e demonstrar o problema da corrupção e o quanto o homem civil está distanciado de sua originária essência natural. O tema desta pesquisa é a fundamentação da moralidade e, conseqüentemente, das ações políticas em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). O problema da corrupção civil permeia toda a obra de Rousseau. De acordo com a escrita do genebrino, a sociedade civil está corrompida e, isso implica afirmar que o cidadão civilizado está distante e esquecido de suas características naturais originárias. Desta forma, afastado das paixões que lhe são próprias do estado de natureza. O problema ao qual se busca dar uma solução com este estudo é como o “eu humano”, a consciência do indivíduo é estruturada podendo superar as contradições e os desafios morais e tornar possível, viável a concretização de uma sociedade cuja composição do corpo social não venha a se corromper.

Embora Rousseau tenha escrito que a corrupção é um problema extremamente grande, complexo e difícil de solucionar, é possível percorrer um caminho, dentro de sua obra, que conduz à uma possível solução para o problema da corrupção: de acordo com Rousseau, a reaproximação do homem às suas características naturais originárias. Como se faz, ou se dá isso, exatamente? Através da consciência e não somente da razão. A consciência é o elemento que dá sentido à razão que, por sua vez, sem a consciência é limitada.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar se há, de fato, uma teoria da consciência escrita por Rousseau e elucidar como a consciência, muito mais do que a razão, fundamenta a moralidade e resolve o problema da corrupção do homem no estado civil. Rousseau afirma que o homem que pensa é um animal corrompido (ROUSSEAU, 2005a, p. 61). É possível inferir, então, que o homem que sente seja uma espécie de estátua de Glauco restaurada. É conclusivo nos escritos de Rousseau o fato de que a razão sensitiva é mais determinante do que a razão filosófica, reflexiva em dado momento do desenvolvimento humano.

Por um lado, o homem originário de Rousseau apresenta sentimentos e vontades individuais enquanto que, por outro lado, o homem civil integra a vontade geral decorrida do pacto social e, por isso, obedece às leis civis. O homem raro é,

² Ao mencionar a estátua de Glauco o Marinheiro, Rousseau faz uma referência à obra *A República*, de Platão.

no entanto, uma terceira opção apresentada por Rousseau, é a junção dos dois anteriores. Este homem está apresentado na figura de Emílio, personagem fictício desenvolvido na obra homônima *Emílio ou da educação*, de 1757 (ROUSSEAU, 2014). Emílio é o homem originário que vive em sociedade e é o sujeito que foi desnaturado apenas o suficiente para viver em sociedade sem se deixar corromper e nem corromper a outros.

Os objetivos específicos aqui propostos para responder a muitos questionamentos são: Primeiro, estudar a consciência como fundamento das ações políticas do sujeito. Esmiuçar detalhadamente a importância e as implicações da perfectibilidade e da liberdade natural no percurso que Rousseau apresenta do homem no estado de natureza e do cidadão no estado civil. Para tanto, serão utilizadas predominantemente as obras *Discurso sobre as ciências e as artes* (2005a), *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (2005b) e *Do contrato social* (2005c).

Segundo, explorar como a consciência se relaciona com a razão e como as duas estão atreladas ao sistema de educação rousseauista. Buscando entender, com isso, primeiramente através da pedagogia negativa, a formação da consciência moral proporcionada por uma educação efetivada e substanciada no autoconhecimento e na razão sensitiva, para que o sujeito tenha condições de viver livre, feliz e pleno convivendo e interagindo com inúmeras outras pessoas e tendo chances reais de não ser corrompido e não corromper. A principal obra de Rousseau a ser estudada nesta etapa é *Emílio ou da educação*.

Terceiro, examinar a pedagogia positiva, fase do processo de educação proposto por Rousseau que se refere ao domínio moral das próprias ações, paixões e vontades. Em outros termos, a fase em que o sujeito estará apto a colocar suas vontades sob o jugo - e o domínio - de sua consciência e sua razão; convivendo com outras pessoas, cada qual com suas vontades. As obras de Rousseau a ser tratadas nesta fase da pesquisa são: *Emílio ou da educação* e *Do contrato social*.

Quarto, pesquisar como a vontade particular e o amor de si interage com a vontade geral oriunda do pacto social. Pesquisar a vontade geral e a liberdade civil. Entender como o "eu humano" percebe e se relaciona com o "eu do outro" e a relação disso com a capacidade do sujeito de ir e vir, do interior e do exterior de si

mesmo. Entender a maneira como Rousseau pensa esses dois conceitos é extremamente importante para compreender como o processo pedagógico e de formação moral dos indivíduos partícipes da sociedade civil vão contribuir para a construção de um corpo social capaz de não ser corruptível – e nem de corromper. As obras trabalhadas neste momento da pesquisa são: *Emílio ou da educação* e *Do contrato social*.

A CONSCIÊNCIA COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DA MORALIDADE

O “eu humano” é uma expressão utilizada por Rousseau em diversas obras de sua autoria e se refere à consciência. Primeiramente, o homem desenvolve a consciência de si para, depois, desenvolver a consciência do outro. Sentimentos interiores ou consciência é a unidade do sujeito moral. A moralidade do sujeito surge com o desenvolvimento da consciência de si.

Desde o *Primeiro discurso*, texto que Rousseau escreveu para analisar as possíveis contribuições tanto das ciências quanto das artes para o aprimoramento dos costumes, e em suas principais obras posteriores a essa, está evidente a importância que o genebrino atribui à consciência, à sensibilidade, à intuição humana, àquilo que chama de voz interior. A consciência moral é, para Rousseau, o caminho a ser percorrido para uma vida feliz e virtuosa em sociedade:

Oh! virtude, ciência sublime das almas simples, serão necessários, então, tanta pena e tanto aparato para conhecer-te? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? E não bastará, para aprender tuas leis, voltar-se sobre si mesmo e ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões? Aí está a verdadeira filosofia; saibamos contentarmo-nos com ela e, sem invejar a glória desses homens célebres que se imortalizam na república das letras, esforcemo-nos para estabelecer, entre eles e nós, gloriosa distinção [...] (ROUSSEAU, 2005a, p. 214).

No texto *Profissão de fé do vigário saboiano*, apresentado na obra *Emílio ou Da educação*, Rousseau (2014, p. 405) escreve:

A consciência é a voz da alma, as paixões são a voz do corpo. Será espantoso que muitas vezes essas duas linguagens se contradigam? E então, qual das duas devemos escutar? Vezes demais a razão nos engana, conquistamos até demais o direito de recusá-la, mas a

consciência nunca engana. Ela é o verdadeiro guia do homem, ela está para a alma assim como o instinto está para o corpo: quem a segue obedece à natureza e não tem medo dese perder.

A consciência é o canal pelo qual a natureza se comunica com o indivíduo e alicerça a razão:

Consciência! Consciência! Instinto divino; [...] juiz infalível do bem e do mal, [...] és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações; sem ti não sinto nada em mim que me eleve acima dos animais, a não ser o triste privilégio de perder-me de erros em erros, com o auxílio de um entendimento sem regra e de uma razão sem princípio (ROUSSEAU, 2014, p. 411-412).

Para Rousseau, os sentimentos morais são o alicerce do agir humano. É inato o sentimento de justiça³ e virtude e, a esse sentimento, o genebrino nomeia como consciência. Somente a consciência, e não a razão, é que assimila e absorve os valores morais como bem e justiça, por exemplo. A razão ordena as faculdades da alma humana porque ela é intrinsecamente ligada à consciência. A consciência é o fio condutor para uma vida justa:

Existe, pois, no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude a partir do qual, apesar de nossas próprias máximas, julgamos nossas ações e as de outrem como boas ou más, e é a esse princípio que dou o nome de consciência (ROUSSEAU, 2014, p. 409).

A consciência é imperativa na medida que permite ao homem acesso à ordem moral. Para Rousseau, os imperativos morais são tão importantes e necessários quanto as leis naturais. A consciência é fundante, essencial para as ações políticas e sociais. Para Rousseau, existe no ser humano a capacidade intrínseca de movimento para o seu interior e seu exterior. O preceptor do Emílio o ensina a voltar-se a si mesmo para que este consiga se distanciar das opiniões corruptíveis da sociedade quando necessário.

A consciência é responsável por impulsionar o crescimento do indivíduo para

³ No estado civil, depois de se desenvolver tanto racionalmente quanto moralmente, o indivíduo precisa de um parâmetro de conduta. E embora seja paradoxal, Rousseau afirma que existe um princípio inato de justiça; a noção de justiça é efetivada a partir das relações sociais, a partir do julgamento e da comparação. No isolamento da natureza, na vida primitiva do selvagem, a noção de justiça parece não ter validade ou sequer serventia.

além de suas vontades, ou seja, é a consciência que permite ao sujeito considerar a vontade geral como sua também. A natureza humana é perfectível e, por isso, aberta ao movimento de crescimento.

As potencialidades humanas só se efetivam em sociedade, não em isolamento. O homem originário, no estado de natureza, não sente a necessidade de ser sociável. No estado civil, entretanto, a convivência social tem uma função extremamente importante para o desenvolvimento da consciência. A consciência não está dada, ou pronta. A consciência nasce, surge da relação do sujeito consigo mesmo e da relação do sujeito com seus semelhantes. A natureza equipa o homem com suas potencialidades, mas somente se socializando é que este homem, e estas potencialidades, se desenvolvem por completo. Em sociedade o homem desenvolve seu senso político, sua moralidade e sua afetividade.

É na efetivação das relações sociais, no convívio com outros cidadãos que está o maior desafio a ser enfrentado pelo jovem aluno personificado na figura protagonista da obra que o apresenta, Emílio. Desafio também para todo o sistema de educação proposto por Rousseau. Como indivíduo, Emílio se desenvolveu até o estágio que Rousseau chama de a "idade da razão"⁴ no isolamento, para conhecer a si mesmo e desenvolver suas potencialidades naturais. Como espécie, o jovem vai conviver com outros indivíduos e, somente assim, poderá validar o que aprendeu controlando as suas paixões: "Eis, portanto, o sumário de toda a sabedoria humana quanto ao uso das paixões: 1. Sentir as verdadeiras relações do homem, tanto na espécie quanto no indivíduo; 2. Ordenar todas as afecções da alma conforme essas relações" (ROUSSEAU, 2014, p. 299).

Uma vez integrado à sociedade, Emílio será provocado pelas paixões oriundas do estado civil: as paixões não naturais como, por exemplo, a vaidade, o amor-próprio e o desejo de se sobrepor a outros cidadãos quando da comparação entre eles.

Para o genebrino, os grandes problemas sociais e, portanto, de ordem humana, parecem se concentrar no fato de os homens, ao longo do tempo, terem

⁴ De acordo com Rousseau (2014, p. 97), a criança atinge a chamada "idade da razão" quando completa doze anos de idade.

se distanciado da natureza e, assim, de sua essência originária. Um problema de formação tanto do indivíduo quanto da sociedade. Uma falha grave no sistema operacional da educação das crianças e dos jovens que permite - e até mesmo proporciona - a aparência em detrimento da essência, ou seja, a corrupção, característica da sociedade civilizada. A consciência será, assim, o fator reparador deste problema.

O homem civil, de acordo com Rousseau, é aquele que passou por um processo de desnaturação, isto é, teve sua existência absoluta na natureza deslocada para uma existência relativa, em sociedade:

É preciso observar, porém, que a sociedade iniciada e as relações já estabelecidas entre os homens exigiam deles qualidades diversas daquelas que deviam à sua constituição primitiva; que começando a moralidade a introduzir-se nas ações humanas, e constituindo cada um perante as leis o único juiz e vingador das ofensas que recebia, a bondade que convinha ao estado puro de natureza não era mais a que convinha à sociedade nascente [...] (ROUSSEAU, 2005b, p. 93).

Isto é, o cidadão corrompido é aquele homem que, pela convivência com os outros homens, está bem longe dos seus atributos naturais. Assim como a estátua de Glauco está irreconhecível pela ação dos elementos externos, o cidadão age em desacordo com a sua natureza originária. Por causa disso, este homem não se percebe mais como um ser integrante da natureza, voltado para as coisas do mundo e para si mesmo. Em sociedade, o homem é apenas uma parte do todo, ou seja, é apenas um componente da sociedade:

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social (ROUSSEAU, 2014, p. 11).

E todo o projeto de Rousseau de uma educação ética está pautada e direcionada para o desenvolvimento da capacidade de não se distanciar das características originárias da natureza, ou seja, cultivar no jovem educando sua essência, sua consciência:

Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um

animal feroz do que a um deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante (ROUSSEAU, 2005b, p. 43).

Chegado o momento de conviver socialmente, é preciso retirar Emílio do isolamento doméstico, rural, para desenvolver nele a sociabilidade. Desenvolver a sociabilidade no Emílio significa despertar nele sua consciência moral:

Há muita diferença entre o homem natural que vive no estado de natureza e o homem natural que vive no estado de sociedade. Emílio não é um selvagem a ser relegado aos desertos: é um selvagem feito para morar nas cidades. É preciso que saiba encontrar nelas o necessário, tirar partido dos habitantes e viver, se não como eles, pelo menos com eles (ROUSSEAU, 2014, p. 277- 278).

Para Rousseau se, por um lado, não é nem possível e nem desejável o retorno à vida selvagem, por outro lado, é imprescindível fundamentar um estado civil a partir de indivíduos preparados, educados como o Emílio. Ou seja, sujeitos formados para superar a corrupção moral instalada na sociedade por via da consciência e não da razão.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma sociedade constituída por cidadãos que estão tão submersos em características que os desconfiguram, tal qual a estátua de Glauco, faz emergir a necessidade urgente de compreensão da educação proposta por Rousseau quanto ao exercício de não corrupção e a necessidade de pensar eticamente a sociedade e sua estruturação moral. Desta forma, estabelecer uma análise da sociedade contemporânea à luz da teoria pedagógico-filosófica de Rousseau traçando possibilidades de ações efetivas para a prática e a aplicação de ações educacionais, sob o crivo dos conceitos pensados por Rousseau, que vão de encontro não somente à instrução e preparação de sujeitos para atuarem no estado civil em que se encontram, mas, também e principalmente, contribuir para a formação humana

virtuosa de homens atuais. Uma sociedade de estátuas de Glauco que precisa urgentemente ser restaurada.

Para Rousseau, uma formação humana adequada às paixões originárias é capaz de promover a preparação do homem para uma vida plena. E isso se diferencia da mera, e até danosa, instrução e preparação do cidadão para uma vida em sociedade, em seu estado civil. A proposta rousseauísta de formação humana permite que a maneira como a instrução formal, fornecida pelo Estado e a educação doméstica se torne um sistema ético-político.

A teoria da consciência de Rousseau, aplicada à sociedade contemporânea, é capaz de contribuir fortemente para reestruturar as diretrizes da educação, ou seja, a sua importância e a sua magnitude são imensas acerca do que é capaz de fazer. Não são os métodos, são os princípios e pressupostos defendidos por Rousseau e atribuídos à educação que importam. Educar as crianças e não meramente instruí-las é prepará-las para serem pessoas, humanizadas, livres, felizes e conscientes.

Em uma época como a atual, frente ao imenso lugar que a tecnologia toma na vida das famílias, resgatar e aplicar a descoberta do mundo através dos sentimentos, de maneira orgânica, defendida por Rousseau em seu sistema de educação, é desafio árduo a se superar frente à formação das crianças, cada vez mais novas, passando grande parte do tempo distraídas, viciosamente entretidas, com jogos virtuais.

O resultado obtido por esta pesquisa é a constatação e a demonstração da consciência, antes mesmo do que a razão, como fundamento da moralidade no pensamento, na obra de Jean-Jacques Rousseau. E, como consequência disso, que a educação proposta pelo filósofo genebrino, iniciada pela fase negativa e avançando pela fase positiva, estabelece uma via real para solucionar a corrupção moral da sociedade porque exercita as ações com base na consciência. Uma sociedade de estátuas de Glauco, tão modificadas por elementos externos, transformada em uma sociedade de Emílios, tão fortemente sensíveis que a corrupção já não representa a realidade.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. *A República*. Trad. de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005a. v. 2. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005b. v. 2. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. Trad. de Lourdes Santos Machado. P. 45-243. São Paulo: Nova Cultural, 2005c. v. 1. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. Trad. de Thomaz Kawauche. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.